

CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: OS PERCURSOS METODOLÓGICOS E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO PROBLEMATICAS NA SELEÇÃO, USO E ABORDAGEM DOS FILMES, NAS AULAS DE HISTÓRIA, DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE IMPERATRIZ¹

Autora: Nice Rejane da Silva Oliveira

Mestranda em Ensino de História

Universidade Federal do Tocantins – uft@uft.edu.br

1. Justificativa

Uma aproximação entre cinema, ensino e História, apresenta pelo menos três dimensões possíveis: o cinema como fonte da História, portanto levantam-se as problemáticas que envolvem o tratamento e hierarquização das fontes; o cinema enquanto sujeito histórico no sentido em que interfere na história, quer seja de forma direta ou indireta; e o cinema como suporte pedagógico para o ensino de história - nessa perspectiva parece assumir um viés utilitário, quando na grande maioria das vezes serve apenas como referendo dos conteúdos apresentados de maneira ilustrativa.

Muitas questões decorrem desse “uso” do cinema nas aulas de história: Os filmes concorrem com a história? O filme é considerado documento histórico pelo professor? A linguagem cinematográfica e sua significação própria são levadas em consideração pelo professor? De que maneira a experiência do real é trabalhada na narrativa fílmica? A perspectiva de representação é considerada? O cinema assume papel também significativo nas relações de mediação com o saber histórico de produção e ressignificação desse saber? A cultura histórica está presa apenas ao ofício do historiador?

Uma hipótese que envolve o uso utilitário do cinema em sala de aula pode ser o reflexo da secundarização do mesmo, quando da hierarquização das fontes, bem como pode demonstrar a incapacidade de leitura do filme pelos professores de história - que em semelhança com um analfabeto que não domina os códigos da leitura e escrita padrão, não se apropriaram dos elementos da linguagem cinematográfica.

¹ Projeto de pesquisa em andamento do Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTORIA, na Universidade Federal do Tocantins.

Portanto, essa investigação tem como propósito analisar os pressupostos teórico-metodológicos que orientam o uso do cinema como recurso didático, pelos professores de história, nas escolas do ensino médio de Imperatriz, bem como construir proposta metodológica para a leitura fílmica em sala de aula, problematizando qual o *lugar* do cinema enquanto fonte para o professor de história e analisando quais e que tipos de manuais, livros didáticos/paradidáticos, roteiros, indicações, são consultados e empregados por esses professores para orientar o planejamento do uso do cinema nas aulas de história, buscando também enxergar suas abordagens sobre a linguagem cinematográfica.

Essa investigação também se justifica por conta do seu propósito em evidenciar o ensino de história como campo da pesquisa histórica, pois a questão do ensino ainda é uma dura tarefa no campo da história, e ao longo da graduação também me deparei com o preconceito e com a depreciação desse campo de estudo. Embora estivesse cursando uma licenciatura, as reflexões e práticas acerca do ensino não faziam parte do campo “privilegiado” da pesquisa histórica, visto, meramente, como função para os pedagogos, os teóricos da educação, os professores, e não o historiador.

2. Revisão Bibliográfica

A noção de documento é algo que ao longo da construção do conhecimento histórico, como marco o final do século XIX, vem sendo bastante problematizada no interior de uma disputa epistemológica, a partir da perspectiva de um apego à concepção positivista, pois “com a escola positivista, o documento triunfa [...] a partir de então todo historiador que trate de historiografia ou do mister de historiador recordará que é indispensável o recurso ao documento [...]. Em princípio, o documento era, sobretudo, o texto.” (LEGOFF, 2003, p. 528), o que colocou as fontes escritas, ligadas intrinsecamente à oficialidade, como privilegiadas pelo trabalho do historiador. Por outro lado, a revolução historiográfica, ocorrida no século XX, realizada pela escola dos Annales, que desencadeou uma revisão teórico-metodológica da História, ampliou a noção de documento, postulando que toda produção humana pode se inserir nesse conceito; de certo, também o cinema:

A aceitação do filme como documento resulta do abandono da concepção de História da escola metódica, concepção esta que tem sua ruptura marcada, sobretudo a partir da obra de Marc Bloch e Lucien Fèbvre e da fundação da revista *Annales: Anais de História Econômica e Social*. Este grupo pode ser apontado como responsável pelo desenvolvimento de um novo modo de produção historiográfica, no qual o historiador fabrica seu objeto e ele mesmo é sujeito na

produção da História: constrói e recorta seu objeto de estudo. (ABUD, 2003, p. 184)

Com isso, houve uma ampliação da noção de documento, onde a memória, a imagem, a literatura, a imprensa, bem como toda a produção cultural, material e imaterial da humanidade, passaram a ser consideradas fontes possíveis a serem investigadas e problematizadas pelo historiador. No entanto, formulações como essas, não processaram mudanças profundas no abandono do método positivista como parâmetro, pois a noção de documento ainda se relaciona profundamente com duas questões: a concepção de História do pesquisador e o valor intrínseco do documento, que a priori já está dado pela sua própria constituição e legitimação que lhe foi atribuído. No caso específico do cinema, Nóvoa afirma:

O cinema parecido território sagrado para refinadíssimos especialistas. Nele o historiador ou cientista social não encontraria legitimidade. Mas também o próprio corpus acadêmico donde provinha o cientista social e o historiador, alimentava uma rejeição e um estigma positivista que queria fazer crer na validade da palavra de ordem neo-positivista que defendia que a 'história se fazia apenas com documentos escritos', ou simplesmente que estudar cinema não era atividade de gente séria. (NÓVOA, 2008, p. 16)

Há uma dificuldade em considerar o cinema como uma fonte para o trabalho historiográfico, assim como isso pode determinar seu "lugar" no ensino de história. Desse modo, é preciso dizer, que a academia, ainda, atua enquanto negligenciadora desse debate, considerando que se há uma problematização acerca da noção de documento e da hierarquização das fontes, elas se dão, na maioria das vezes, no subterrâneo da discussão dos paradigmas. "O debate metodológico sobre o uso dessas fontes ainda é incipiente, ao menos no campo historiográfico brasileiro, em que pese o grande número de trabalhos mais atentos às suas especificidades, surgidos a partir de meados dos anos 1980." (NAPOLITANO, 2008, p. 238).

Ademais, a leitura histórica do filme e a leitura cinematográfica da história, são eixos importantes para quem se interroga sobre a relação entre cinema e História, o que coloca para o historiador o problema de sua própria leitura do passado, de seus aportes teórico-metodológicos, de suas limitações, de sua visão de mundo. Portanto, é preciso que se enxergue o cinema em suas especificidades e suas relações possíveis com a História. Assim, torna-se incômodo encarar o cinema como apenas um veículo de entretenimento e diversão, pois se crê "que os filmes refletem também as correntes e atitudes existentes numa determinada sociedade" (FURHAMMAR e ISARKSSON, 1976, p. 06). De modo que, merecem ser vistos e analisados em sua estrutura interna,

e nesse sentido é preciso examinar a fundo o cinema como veículo de ideologias formadoras das grandes massas da população e que pode ser utilizado, com plena consciência de causa, como meio de propaganda. Conforme Barros:

O cinema tem sido utilizado em diversas ocasiões como instrumento de dominação, de imposição hegemônica e de manipulação pelos agentes sociais ligados ao poder instituído (instituições governamentais, partidos políticos, igrejas, associações diversas), e também por grupos sociais diversos que têm sua representação social junto a estes poderes instituídos. (BARROS, 2008, p. 50)

Nesse âmbito, o professor pode convenientemente julgar o cinema como um mero ilustrador dos conteúdos e questões já discutidas e apresentadas, servindo apenas como referendo de outras fontes. Não se apercebendo que o cinema carrega em seu discurso imagético uma pluralidade de falas, acepções, ideologias e contradições. E, “está longe a época em que os manuais escolares constituíam a base dos conhecimentos sobre a qual se inseriam algumas leituras ou alguns filmes que aí se ajustavam mais ou menos” (FERRO, 2004, p. 01). Ao retomarmos o debate sobre a secundarização do cinema enquanto fonte, na subvalorização do seu papel em sala-de-aula, se faz necessário dizer que:

Enquanto documento histórico primário, qualquer filme também pode ser utilizado didaticamente, como instrumento auxiliar do ensino de história, por meio da realização da sua leitura histórica, em sala de aula, e da apreensão e discussão dos seus elementos constitutivos. (NOVA, 1996, p. 08)

Desse modo, para que a análise do filme parta da valoração do cinema, em sua própria significação, “[o] historiador [...] não pode desconsiderar a especificidade técnica de linguagem, os suportes tecnológicos e os gêneros narrativos que se insinuam nos documentos audiovisuais, sob pena de enviesar a análise.” (NAPOLITANO, 2008, p. 238). Para tanto, “é perceber as fontes audiovisuais [...] em suas estruturas internas de linguagens e seus mecanismos de representação da realidade, a partir dos seus códigos internos.” (NAPOLITANO, 2008, p. 236). O que coloca para o professor de história questionamentos acerca do seu próprio conhecimento e dessa linguagem, desses códigos, e de sua apropriação, uma vez que o cinema carrega consigo vários tensionamentos, dentre eles sua condição de evidência e representação, o que dificulta e torna ainda mais complexo o seu reconhecimento de fonte “confiável” para o historiador. O seu estatuto específico e o que chamamos de linguagem cinematográfica podem colocar, para quem vê o filme, uma condição de encanto visual já que “a cada momento, em grande parte do cinema narrativo, a ficção é orquestrada para nosso olhar pela encenação cinematográfica” (BORDWELL, 2008, p. 29), de tal maneira que

somos afetados e não percebemos. Desse modo “o filme é dotado de uma capacidade significativa que lhe permite recriar a realidade sob a forma de uma linguagem recorrendo a uma série de processos de reelaboração poética, que transformam num gênero técnico-formal mais variado para a expressão do que para a comunicação” (MOSCARIELLO, 1985, p. 07). Assim sendo, é fundamental a consideração da significação própria do filme para sua análise e utilização didática, pois concordando novamente com Moscariello:

Se o filme é um discurso orgânico e solidário nas suas partes – e não já a simples reprodução de um discurso previamente elaborado no interior de um outro sistema de signos – passa então a ser necessário aprender a **lê-lo**, após tantos em que estivemos simplesmente habituados a **vê-lo**” (MOSCARIELLO, 1985, p. 08, grifo nosso).

Há uma gama de teóricos que apresentam formas de uso do cinema em sala de aula; de certa maneira há sempre uma prevalência na sua condição de instrumental e ferramenta. No campo do ensino de história agrega-se a isso uma necessidade de vinculação com o documento escrito, aponta Bittencourt, destacando que “se as imagens cinematográficas demoraram a penetrar na escola e ainda o fazem, de maneira ilustrativa, elas foram ignoradas por longo tempo pelos historiadores, ocupados em análise de documentos ‘mais nobres’ – os textos escritos.”(BITTENCOURT, 2004, p. 375). Embora já existam vários estudos que abordam novas formas de trabalho com o cinema, bem como com outras fontes, primando por problematizar o processo metodológico a ser percorrido e a interdisciplinaridade.

Bibliografia

ABUD, Katia Maria. A construção de uma didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, São Paulo, 22 (1), p.183-193, 2003.

BARROS, José d’Assunção. Cinema e História: entre expressões e representações. In: **Cinema – História: teoria e representações sociais no cinema**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz:** a encenação no cinema. São Paulo: Papyrus, 2008.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Tradução Flávia Nascimento.

FERRO, Marc. O conhecimento histórico, os filmes, as mídias. **O Olho da História:** Revista de teoria, cultura, cinema e sociedades. Salvador: Universidade Federal da Bahia, nº 6, p. 01-08, ano 10, 2004.

FURHAMMAR, Leif e ISARKSSON, Folke. **Cinema e Política.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5ª Ed. Tradução: Bernardo Leitão (etc e tal). Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MOSCARIELLO, Ângelo. **Como ver um filme.** Lisboa: Editorial Presença, 1985.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Editora Contexto, 2004.

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. **O Olho da História:** Revista de teoria, cultura, cinema e sociedades. Salvador: Universidade Federal da Bahia, nº 3, ano 2, 1996.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: **Cinema – História:** teoria e representações sociais no cinema. 2ª edição. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p.13-42.